

O SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DO JORNALISMO LITERÁRIO DA SÉRIE VIOLÊNCIA ENCARCERADA

Jatene Vitória de Macedo¹

Marli Paulina Vitali²

Resumo: Este artigo busca trazer conhecimento sobre o Jornalismo Literário inserido na contação de histórias sobre o sistema prisional, analisando a série do Youtube Violência Encarcerada, apresentada pelo Grupo O Globo. Por meio do literário e das histórias humanas que ele exhibe, a construção narrativa traz contexto à cronologia que os textos jornalísticos exibem ao leitor. O estudo traz como base os autores Felipe Pena, Paulo Eduardo Silva Lins Cajazeira, Ricardo Kotscho, Vitor Necchi, Monica Martinez e Cremilda Medina, para dar fundamentação na pesquisa. O vínculo com a memória e o ambiente em que o cárcere está inserido mostram que por meio do literário, unindo a narrativa, é possível apresentar histórias reais, emocionantes, significativas e cercadas de informações, que são trazidas pelo repórter como meio de observação nas cenas ao seu redor. O artigo também expõe que dentro do próprio sistema prisional existem biografias esquecidas, que rendem bons textos e histórias, mas principalmente informações sobre o assunto discorrido.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Construção Narrativa; Youtube; Violência Encarcerada.

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo literário tem em sua essência a expressão de um texto humano, trabalhando o individual e o coletivo abrangendo sentimentos e sensações. Portanto, ler um texto literário faz com que o leitor sinta a emoção do autor e dos envolvidos na história, pois com a coleta de informações e após todas as palavras

¹ Graduanda em Jornalismo. E-mail: jatene@sideropolisnoticias.com.br

² Marli Paulina Vitali. E-mail:

escritas o autor tem o papel de, além de informar, transmitir a realidade e as emoções que viveu narrando a história.

Visto que o jornalismo literário é mais sentimental, e por trás de todo um sistema prisional também existem sensações, estudar o tema mostra que por meio do jornalismo histórias esquecidas e que, por vezes, são deixadas de lado, se tornam objetos de um texto jornalístico. Logo, fazer essa narrativa e escrever sobre o dia a dia nos presídios mostra um lado humano, assemelhando-se ao jornalismo literário.

Por meio da pesquisa, o sistema prisional foi ressaltado, frisando que o jornalismo conta histórias, esquecidas dentro do cárcere, e não só, propriamente, por trás das grades, mas sim de familiares e pessoas que foram deixadas do lado de fora. A pesquisa também visa mostrar o conceito aprendido nas universidades para guiar a forma de escrita no jornalismo literário, como da estrela de sete pontas, criada pelo autor Felipe Pena.

Trazer uma reportagem sobre o sistema prisional feita por um veículo de comunicação, O Globo, mostra todo trabalho e a forma narrativa que os envolvidos buscaram para dar forma à notícia e traz principalmente o papel que o jornalista obteve na produção da reportagem.

O artigo visa mencionar, por meio da construção narrativa, como foram desenvolvidos os episódios da série Violência Encarcerada, analisando o primeiro episódio que fala sobre a superlotação nos presídios e tem como título “Acabou o ar”. A série foi ao ar no YouTube, no dia 22 de setembro de 2019. O primeiro episódio que será analisado possui 15min34seg. Ao todo são seis episódios, que seguem, basicamente, essa mesma duração, entre 12 e 17 minutos.

Portanto, o problema de pesquisa é: como o jornalismo literário, por meio da construção narrativa, aborda o sistema prisional brasileiro? A partir disso, tem-se o objetivo geral que é identificar as formas que o jornalismo literário narra e aborda o cárcere, a partir do primeiro episódio da série de reportagens Violência Encarcerada.

Mediante a reportagem, o jornalismo literário será abordado como forma de entender como são narrados os textos quando o assunto é o sistema prisional. Logo, os objetivos específicos da pesquisa buscam: identificar características do jornalismo literário no primeiro episódio da série Violência Encarcerada; observar de que maneira a construção narrativa foi executada na reportagem; apontar como o jornalismo literário contribui para a construção de reportagens amplas.

Faltou a justificativa e mais um parágrafo sobre a metodologia (Com relação aos procedimentos metodológicos, este estudo tem natureza básica, abordagem do problema qualitativa e do ponto de vista dos objetivos é exploratória (confirmar). No tocante aos procedimentos técnicos, é bibliográfica, documental (??) e estudo de caso).

O tipo de pesquisa do trabalho é quantitativo, a natureza de pesquisa é básica, os objetivos são exploratórios e a metodologia dos procedimentos é bibliográfica.

2 JORNALISMO LITERÁRIO

O jornalismo literário já se manifestava no século XVIII, com os autores Daniel Defoe e Henry Fielding. No século XX o literário foi mudando até surgir o Novo Jornalismo, criado na década de 1960, na imprensa dos Estados Unidos, tendo como expoentes os autores Gay Talese, Truman Capote, Tom Wolfe e Norman Mailer.

Ao longo dos anos o conceito foi sendo aprimorado e com o surgimento da tecnologia e a vinda de uma era digital, o jornalismo tradicional precisou acompanhar o ritmo da mudança e consumir novas técnicas, como o gravador que se tornou o próprio aparelho de celular e a máquina de escrever que foi substituída pelo computador. Com essas ferramentas que possibilitaram a mudança do exercício, o

jornalista também precisou aprender e desenvolveu técnicas e narrativas para acompanhar o ritmo da notícia.

Mesmo com as tecnologias os fundamentos do jornalismo continuam sendo os mesmos, como por exemplo a busca pela informação. “O repórter que ficar esperando o grande assunto lhe cair nas mãos para fazer a grande matéria da sua vida vai é morrer de inanição” (KOTSCHO, 1986, p. 10), ainda mais em tempos em que veículos on-line de jornalismo surgem com frequência. Por isso, o furo de reportagem e o jornal que der a notícia primeiro ou em primeira mão é o que terá uma maior audiência.

A afirmação do autor é uma questão que o jornalismo leva em sua natureza. O jornalista não deve esperar pela pauta ou release das assessorias para publicar o material que tem uma cota por dia, mas sim levantar informações acerca do texto repassado e/ou ir atrás da notícia. Pereira (2006, p. 2) também menciona sobre a importância da apuração: “O jornalista-escritor prima pela investigação, pelo levantamento de informações, por narrar histórias ‘reais’, histórias que denunciam alguma coisa que vai/caminha/está errada na sociedade”. Portanto, escrever sobre o assunto é poder levar ao público uma história apurada, seja ela qual for.

Essa prática é reconhecida nesse jeito de se fazer jornalismo, mas que ainda é utilizado hoje. O jornalismo literário também precisa dessa busca pela informação, só que de uma forma abrangente, detalhada e apurada. “Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo” (PENA, 2006, p. 13).

Por se tratar de uma essência literária, estudiosos no assunto procuram retratar a forma de trabalhar com esse tipo de jornalismo. “É um modo diferente de narrar a vida de desconhecidos e apresentá-la ao grande público, permitindo, assim, uma abordagem mais criativa do fazer reportagens” (CAJAZEIRA, 2009, p. 73), portanto não existe uma fórmula, apenas o exercício contínuo da prática.

Pena (2006) menciona o jornalismo literário com suas leituras teóricas, já Cajazeira leva o novo jornalismo para a TV, pois cada meio de comunicação tem seu jeito de trazer a forma literária.

No telejornalismo, o repórter fornece ao cidadão a possibilidade de fuga do anonimato, recurso que se tornou célebre na forma de narrar os fatos estabelecidos inicialmente pelo chamado Novo Jornalismo. Na narrativa audiovisual, o telespectador se envolve, junto com o enunciador/narrador e o enunciatário/público, numa co-participação do objeto não ficcional permeado de efeitos de sentido que garantem a melhor compreensão da realidade da história (CAJAZEIRA, 2009, p. 72-73).

Ou seja, na televisão o recurso audiovisual possibilita uma gama de multimídia levada ao público: texto, foto, áudio, vídeo, tabelas, gráficos, entre outros. No impresso, por exemplo, também é possível trabalhar com o estilo de reportagem, mesmo sabendo que existe um número menor de páginas que o jornalista tem a preencher por dia.

Alguns veículos optam por trazer o jornalismo literário apenas uma ou duas vezes por semana, ou uma vez ao mês, separando páginas para o texto. No on-line a prática também é possível. Nesse meio de comunicação o recurso audiovisual prevalece. “Às vezes os espaços parecem não ser aproveitados não pela sua ausência, mas pela falta de planejamento” (MARTINEZ, 2017, p. 27).

Com os autores do Novo Jornalismo, como Truman Capote e Tom Wolfe, o jornalismo literário foi ganhando mais força e esse resultado é refletido entre os jornalistas. Para exemplificar sobre o tema, Pena (2006) criou o conceito teórico da Estrela de Sete Pontas, fundamentando cada ponta da estrela como um “novo” recurso na maneira de fazer o jornalismo literário, bem como observar ao seu redor e explorar as possibilidades.

Começamos pelo primeiro: potencializar os recursos do Jornalismo [...] A segunda parte da estrela recomenda ultrapassar os limites do acontecimento

cotidiano [...] uma visão mais ampla um pleno acontecimento do mundo que nos cerca [...] Em quarto lugar, não necessariamente nessa ordem, é preciso exercitar a cidadania [...] A quinta característica do Jornalismo Literário rompe com as correntes do *lead* [...] A sexta ponta da estrela evita os definidores primários, os famosos entrevistados de plantão [...]. Por último, a perenidade. Uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial (PENA, 2006, p. 14-15).

Cada ponta da estrela significa algo que o jornalista precisa levar ao seu público. Logo, essa possibilidade, já utilizada há tempos, altera o que foi ensinado nas universidades, como por exemplo o *lead*³, que reúne aquelas seis perguntas essenciais, que fazem parte do modelo de escrita que utiliza a técnica da pirâmide invertida, trazendo a informação mais importante para o início do texto.

No jornalismo literário isso tudo é jogado de lado, porém não esquecido. É possível utilizá-las, mas de outra maneira. Assim como menciona Necchi (2009, p. 5): “transformaram numa espécie de camisa de força, tolhendo a criatividade e escritas que fugissem da obviedade e da comodidade de uma fórmula pronta”. O autor descreve que esse método, o *lead*, não deve ser meramente algo a ser seguido.

Ao incluir a narração da série, também é possível observar essa ligação do jornalismo literário, pois quando o autor enumera a estrela não necessariamente o texto deve vir com esses recursos em ordem, assim como ele afirma, mas sim o jornalista deve prestar atenção e estar atento a tudo e a todos ao seu redor. Como na primeira ponta da estrela que diz que o jornalista precisa “potencializar os recursos do Jornalismo” (PENA, 2006, p. 13).

É visível que todas as partes da estrela se encaixam e uma complementa a outra. A segunda ponta, definida por Pena (2006, p. 14), “em outras palavras, quer dizer que o jornalista rompe com duas características básicas do Jornalismo

³ O padrão norte-americano de abertura de matérias, o *lead*, surgiu nos Estados Unidos no final do século XIX. Ele estabelece que o primeiro parágrafo do texto jornalístico deve relatar, de forma sintética, os fatos mais importantes da notícia. Por isso, nele são respondidos os seis elementos básicos da informação: o quê?, quem?, quando?, onde?, como? e por quê?. No Brasil, esse modelo foi introduzido em 1950 (CLEMENTE, 2005, p. 04).

contemporâneo: a periodicidade e a atualidade”. Contudo, o autor pede para que o jornalista fuja da rotina e “recomenda ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano” (PENA, 2006, p. 14). Já a terceira ponta preza pela visão ampla da sociedade.

As demais pontas, quinta, sexta e sétima, finalizam com ligação entre si. A quinta é aquela que pede que o jornalista rompa com as barreiras do *lead* – quem, quando, como, onde, o que e porquê. As seis perguntas que todo texto jornalístico deve ter para deixar a matéria, além de completa, responder às perguntas dos leitores. “É uma estratégia narrativa inventada por jornalistas americanos no começo do século XX com o intuito de conferir objetividade à imprensa” (PENA, 2006, p. 14).

A sexta ponta da estrela o autor pede para deixar de lado aqueles entrevistados que sempre aparecem nos textos, são os entrevistados de plantão, seja prefeito, secretário, deputado, presidente. Já que o novo jornalismo é baseado pelo detalhe e pela pauta apurada, a última ponta da estrela vem para complementar as demais. “Diferentemente das reportagens do cotidiano, que em sua maioria, caem no esquecimento do dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência” (PENA, 2006, p. 15).

Para Cajazeira (2009, p. 76), “as reportagens com características do Novo Jornalismo moldam as manifestações dos personagens a um estilo subjetivo, dando-lhe determinados sentidos e valores”, portanto contar uma história garante, além da mera prática do jornalismo, o valor dado ao personagem, trazendo lembranças, cor, cheiro e sentido ao entrevistado e principalmente para o leitor.

Esse conceito, assim descrito, é como escrever um livro, contar uma história nele e, enfim, publicá-lo. O jornalismo literário tem essa veia humana e a contação de histórias também faz parte da sua essência da forma literária.

Não pense que basta aplicar os recursos para se tornar um jornalista literário. Principalmente porque você só conseguirá aplicá-los se for um repórter extremamente engajado, entrevistando com exaustão cada um de seus personagens até arrancar tudo que puder com o máximo de profundidade

possível. Para isso, é preciso passar vários dias com as pessoas sobre as quais vai escrever. E, no momento de mostrar os diversos pontos de vista, sua capacidade de descrição deve superar os melhores romances realistas. Mas lembre-se de que você está trabalhando com um texto de não-ficção (PENA, 2006, p. 54-55).

O autor discorre sobre o jornalismo literário, pois não basta entender o significado do conceito criado por ele, mas sim, ao longo do ensinamento na universidade, ou em outros meios, é que o profissional vai aprender a verdadeira essência do jornalismo literário. Saber observar ao seu redor e ter uma visão do cenário, como por exemplo se o personagem for um advogado renomado na cidade, que perdeu a família em um trágico acidente.

Quando o jornalista for realizar a entrevista ele deve estar em total foco com o trabalho, observando possíveis detalhes, como um porta-retrato da esposa e filhos que está logo em cima da mesa do advogado. Esse objeto, que tem tudo a ver com a história do entrevistado, fará um gancho⁴ e deve trazer, além de memória, um lado emotivo para o texto literário.

Trazendo possíveis memórias e buscando algo no presente, enfim o jornalismo literário possui um lado observador e artístico. Martinez (2017) diz que “o Jornalismo Literário ultrapassa essa interface, estabelecendo relações com outros saberes, como a Sociologia, em particular por meio de técnicas imersivas como a observação participante”. Vimos então que por meio do jornalismo literário é possível que o leitor também absorva informações, mas que, ao mesmo tempo, conheça histórias e explore conteúdos.

Em um texto literário em que a história de uma mulher que mora nas margens de um rio na Amazônia, o repórter atento, só na sugestão da pauta, já pode observar ganchos para serem abordados, como propriamente a história da mulher e

⁴ m jargão utilizado no jornalismo, compreendido como um recurso para atualizar questões anteriores, embasando e justificando um texto. Ele é uma referência para se tratar de um assunto e não tem, necessariamente, um compromisso com a factualidade, com um acontecimento (SANTOS; TAVARES, 2018, p. 3).

elencando também informações acerca da Amazônia, como números da pobreza na cidade. Pena (2006) diz que “o detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos”, pois realmente existem contextos e formas para se abordar uma pauta, mas o repórter deve interpretar as cenas ao seu redor para passar ao leitor o que realmente é de fato interessante.

3 CONSTRUÇÃO NARRATIVA

A construção narrativa é importante para dar ordem e segmento ao texto. “Uma definição simples é aquela que entende a narrativa como uma das respostas humanas diante do caos. Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo” (MEDINA, 2014, p. 47). A autora discorre sobre sua percepção acerca da definição de construção narrativa, trazendo a narração como um meio de mostrar histórias humanas, sendo felizes ou tristes.

Ainda completa dizendo que “a contemporaneidade, tal qual as percepções traduzem em narrativas, oferece inúmeros desafios não só ao cidadão nela situado com relativo conforto” (MEDINA, 2014, p. 48). Portanto através da narração o autor consegue levar ao seu leitor uma compreensão sobre o que deseja que ele observe com seu material.

Utilizar uma construção narrativa em uma série de reportagens ou em qualquer texto ou material produzido pelo jornalismo garante ao leitor uma linha de raciocínio e uma gama maior de informações, já que com os assuntos distribuídos e organizados é possível levar conteúdo e imaginação em proporção.

Para seguir uma linha contínua e passar entendimento ao telespectador, a série Violência Encarcerada, estudada aqui, utiliza da construção narrativa durante todos os episódios, contando histórias e lembrando fatos, além de informações

sobre o cárcere no geral, como a superlotação que é comparada, em gráficos e narração, com outras atividades. Cada história ganha uma expressão específica, mas as duas seguem uma linha de narração. Kotscho (1986, p. 11) diz que “não existem fórmulas científicas no jornalismo, especialmente na reportagem: cada história é uma história, e merece um tratamento único”, assim como os fatos narrados na série.

Os recursos e informações passados pelo telejornalismo garantem direção e ordem ao telespectador, assim como a série de reportagens que conta, em vários capítulos, o dia a dia dos presídios brasileiros, unindo o jornalismo literário na contação das histórias. “O Novo Jornalismo explora as situações do cotidiano, o mundo ordinário, as subculturas. Mas não envereda pela abordagem do exotismo ou do extraordinário” (PENA, 2006, p. 13). Por isso, quando o veículo de comunicação mostra o real cenário do cárcere ele não está mostrando o novo, o extraordinário, mas sim o que de fato está entre a sociedade, dando visibilidade a novas histórias.

No exercício de atrito diário foi possível reafirmar constantemente que a narrativa da contemporaneidade não provém de brilho formal, de malabarismos literários. Pelo contrário, a origem inspiradora do que se escreve sobre o mundo nasce na oratura captada no mundo vivo. Organizar – editar e narrar – o caos conflitivo das múltiplas vozes (polifonia) e dos múltiplos significados (polissemia) que o repórter (e/ou comunicador social) colhe na rua é um ato subversivo para os porta-vozes monológicos do poder (MEDINA, 2014, p. 11).

Ao narrar uma série, ou até mesmo escrever um livro e contar uma história, além da narrativa é necessário que o autor descreva a cena que viveu, já que ao longo da entrevista todas as informações se misturam, e o repórter é o responsável por construir uma narração e levar ao leitor a história dentro de um contexto possível de entender em uma linha tênue. “A partir das narrativas do outro, o leitor pode ser tocado, afetado, desenvolvendo, a partir daí, o vínculo com a história, personagem, estilo do(a) autor (a) e assim por diante” (MARTINEZ; HEIDEMANN, 2019, p.11). É

então que a partir da construção o leitor, assim como ler um livro, consegue imaginar a cena que o autor está contando a cada parágrafo.

Medina (2014, p. 12) reforça dizendo que “os leitores preferem a cena viva do contexto social, a ação dramática dos protagonistas anônimos e suas falas”. Esse aspecto lembra livros de romance e suspense que, por meio de palavras, fazem com que o leitor imagine ao máximo a cena em sua cabeça.

Medina (2014, p. 12) ainda complementa dizendo que “os repórteres colhem da vida cotidiana e transcriam em narradores cúmplices para contar sua aventura, que não são simplesmente transcrições de máquinas, do velho gravador ou de equipamentos atualizados”. Portanto, contar uma história não se trata apenas de ter bons equipamentos, mas sim escrever com maestria, trazendo essência para o texto.

Quando o autor escreve o texto ele entrega uma história que deve ser interpretada como o leitor achar melhor, por isso a importância de uma boa construção narrativa, pois é através dela que o autor irá passar a cena, por meio de palavras, para o leitor fazer suas considerações.

“A fonte dos narradores são as experiências que passam de pessoa para pessoa, permitindo ao leitor interpretar a narrativa a sua própria maneira” (BENJAMIN, apud MARTINEZ; HEIDEMANN, 2019, p. 11). É como se o autor fosse entregar uma cena vivida ou criada por ele, mas de uma maneira interpretada por ele mesmo, e para que o leitor compreenda tal fato como o autor escreveu é que se utiliza a narrativa para narrar os fatos como eles são, fazendo com que o leitor interprete da maneira correta.

A narrativa, como um todo, permite criar uma linha, uma ordem entre o que se deve contar, para que as informações, além de não ficarem vagas, sigam uma cronologia, permitindo que o leitor não se perca nos fatos e compreenda o que o autor tem a oferecer com o texto. Medina (2014, p. 13), lembra que “os jovens autores criam

narrativas da vida cotidiana, tecidas por uma observação sutil da ação social e criam narradores capazes de vocalizar a fala plural dos anônimos”.

Ao criar um elo entre o autor e o leitor, é possível oferecer uma vasta experiência de todo contexto apresentado, tal como a ação, a interpretação e a apresentação, pois por meio da comunicação, do texto jornalístico, o leitor consegue observar o que os personagens, muitas vezes anônimos, querem contar sobre sua vida ou alguma outra história que vivenciou.

4. ANÁLISE

Este projeto de pesquisa propõe-se a identificar como o jornalismo literário, por meio da construção narrativa, aborda o sistema prisional brasileiro. Para isso, a intenção é analisar o primeiro episódio da série de reportagens Violência Encarcerada.

Para dar ordem ao texto a forma narrativa é utilizada. Seguindo um roteiro, planejando e colocando em prática é possível levar ao telespectador uma reportagem com ordem e posicionada da maneira com que o autor quis passar ao leitor. A construção narrativa servirá como uma linha de narração para guiar o leitor e fazer com que ele veja e imagine a cena, no caso de textos.

Para entender como o jornalista utiliza o jornalismo literário e a construção narrativa ao seu favor para criar conteúdo, foi analisado o primeiro episódio da série Violência Encarcerada, do Grupo O Globo, que possui 15 minutos e 34 segundos e fala sobre a superlotação nos presídios. Com o título “Acabou o ar”, o episódio foi ao ar no Youtube, no dia 22 de setembro de 2019. Ao todo a série tem seis episódios, que duram entre 12 e 17 minutos. ⁵

⁵ O link para assistir a série de reportagens está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W0YjKTKQMgQ&list=PLEWpSGR4paQqvC45xIEof0XA25xknMZI>

Para resolver o problema de pesquisa foram definidos os objetivos específicos que se baseiam em: identificar características do jornalismo literário na série Violência Encarcerada; observar de que maneira a construção narrativa foi executada na reportagem e apontar como o jornalismo literário contribui para a construção de reportagens amplas.

Observa-se que com a riqueza de recursos e informações passadas pelo telejornalismo o texto garante direção e ordem ao telespectador, assim como a série de reportagens que conta, em seis capítulos, o dia a dia dos presídios brasileiros, com temáticas atuais e relevantes para a sociedade, como o primeiro episódio, que aborda a superlotação nos presídios. Através do audiovisual da série é possível observar, de maneira geral, como o veículo de comunicação discorreu sobre o assunto, seguindo uma construção de narrações.

Trazendo uma linha de narração em todos os episódios, percebe-se que o roteiro busca dados e comparações sobre a temática abordada em cada capítulo. O episódio de análise que fala sobre a superlotação nos presídios, por se tratar do primeiro, apresenta gráficos, depois das informações e comparações, e faz uma abertura sobre o surgimento e histórias do sistema prisional brasileiro. Essa abordagem mostra que a construção narrativa também foi utilizada para dar ordem aos episódios, pois ficaria sem uma linha de narração se essa informação fosse passada nos últimos episódios.

Imagem 1: Layout de abertura do primeiro episódio



Fonte: Youtube.

O roteiro traz esse layout de abertura em cada episódio da série (Imagem 1), que consiste em nomes de acordo com a temática de cada episódio, como o primeiro que menciona sobre a superlotação dos presídios brasileiros, que leva o nome de Acabou o ar, por conta da aglomeração e aperto que os presos vivem dentro dos presídios.

A abertura também se concentra em apresentar gravações do interior do presídio, mostrando como o sistema é realmente por dentro e o que acontece por trás das grades. No primeiro episódio a abertura já acontece com uma música instrumental e com agudos de fundo, logo entra uma sonora do primeiro entrevistado, o subcoordenador do Núcleo do Sistema Penitenciário da Defensoria Pública do Rio de Janeiro, Eduardo Rosa, que fala sobre a superlotação nos presídios brasileiros. Sua sonora em primeiro momento é coberta pelas gravações dentro do cárcere com imagens claras de dentro do presídio e logo após a gravação completa, áudio e vídeo, do subcoordenador, só então depois que acontece a parte gráfica da série, com a

narração composta de informações e comparações do sistema prisional, também sobre o tema do episódio.

Os gráficos apresentados utilizam figuras, fundo e demais ilustrações em cores escuras, como o preto e vermelho. Os dados sobre a superlotação nos presídios frisam, com ênfase, os números e as comparações, informando que o Brasil é o 5º maior país do mundo e o 3º em números de presos, sendo 831.396 presos para 423.243 vagas.

A narração dos episódios é feita pelo ator Cauã Reymond, trazendo familiaridade, voz masculina e aguda à série. “O mediador - autor traz para sua voz a voz dos outros. Muitas vezes, quando se pretende exercer o chamado jornalismo literário” (MEDINA, 2014, p. 13). Trazer um ator para a narração mostra o quanto é fundamental apostar em um narrador e também em uma voz mais conhecida para que o espectador também crie ainda mais vínculo com a série.

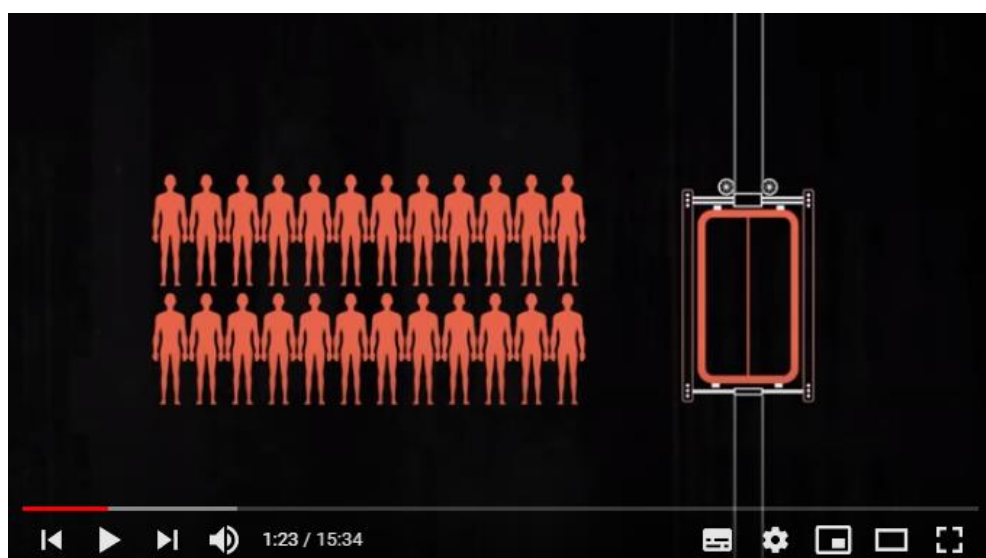
As comparações apresentadas na série seguem sobre a temática de cada episódio. O capítulo de análise mostra através do layout de apresentação as comparações sobre a superlotação nos presídios brasileiros, informando que a quantidade de presos atualmente é como se dez passageiros viajassem em um Fusca, 24 pessoas subissem em um elevador de 2m² (Imagem 3) e 700 paulistanos ocupassem um vagão de metrô. Apresentar essas comparações é fundamental para que o telespectador possa imaginar tamanha proporção da superlotação atual. A série também apresenta os gráficos com a quantidade de presos, as vagas e a quantidade de presídios em que são distribuídos esses presos (Imagem 2).

Imagem 2: Gráfico de informações sobre a superlotação nos presídios brasileiros



Fonte: Youtube.

Imagem 3: Um dos gráficos de comparações sobre a superlotação



Fonte: Youtube.

O jornalismo literário também se mostra presente na reportagem, apresentando a importância da lembrança, deixando sua marca na mente das

peças que viram a série, fazendo-as nutrir as informações e repensar sobre o assunto, além de lembrá-las sobre uma questão vivida em meio à sociedade, o mundo do crime e o cárcere.

Isso está presente em uma das pontas da estrela que Pena (2006, p. 14) aponta, quando fala em “ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano”. O conceito é observado no nome, títulos e temas da série, pois falar sobre o sistema prisional não é algo comum ou que aconteça rotineiramente em noticiários. Portanto, ultrapassar essa barreira de noticiar sempre o mesmo e do mesmo jeito também é um aspecto tanto do conceito da estrela de sete pontas como do jornalismo literário.

As demais pontas da estrela também são observadas na série. A quarta ponta menciona sobre exercitar a cidadania, ou seja, trabalhando com o sistema prisional em materiais jornalísticos mostra ao público a importância de apresentar assuntos rotineiramente esquecidos, além de informar dados, mostrar imagens e gravações que as pessoas talvez não conheçam ainda.

As entrevistas de ex-detentos ou até presos também são um modo de exercitar a cidadania, demonstrando ao público suas histórias e explicando como é viver dentro de um sistema penitenciário. Portanto, apresentando ao telespectador esse tipo de conteúdo, formará vínculo com o tema, atenção e principalmente informação.

A quinta ponta da estrela, que pede para romper com as correntes do lead, também é observada durante o episódio. Iniciando a série com uma música de fundo mais alta, logo depois as imagens e a sonora da entrevista, demonstra como será ao longo dos demais minutos e principalmente do que trata o primeiro episódio. Seguindo essa linha, é como se o roteiro apresentasse uma abertura diferente, de forma dramática e que prenda atenção do telespectador. Portanto, o roteiro rompe com as correntes do lead, mas sem esquecer que ele existe.

Utilizando de entrevistados como coordenadores do sistema, delegados, juízes, advogados, ex-detentos e outros personagens, é possível observar características da sexta ponta da estrela, que pede para deixar de lado aqueles entrevistados de plantão, seja prefeito, secretário, deputado, presidente, que sempre aparecem nas matérias. Por mais que a série utilize esses entrevistados, eles aparecem por menos tempo e são intercalados com outros personagens, como ex-detentos que dão voz e relatam suas histórias dentro e fora do cárcere, e trazem sentimento e uma forma mais humana para a série, características também do jornalismo literário.

Ao todo o primeiro episódio ouve 11 fontes, sendo: um juiz, uma coordenadora, dois subcoordenadores, um secretário de administração, um diretor-geral, um presidente de sindicato, um defensor público e três ex-detentos. Desses, menos os três ex-detentos são considerados fontes oficiais, porém na série eles relatam dados e histórias importantes que complementam o episódio, falando sobre a superlotação.

Na série também é possível observar os detalhes em noticiar os fatos que chamam atenção, com imagens e gravações de dentro do cárcere, presos nas celas e a rotina deles lá dentro. Os gráficos também mostram uma produção mais planejada que obedece a maneira de noticiar os fatos, descritas pelo jornalismo literário e também pelo conceito da estrela de sete pontas.

Quanto à construção narrativa da série, observa-se também que, por se tratar de um assunto mais humano, os episódios tendem a buscar o lado emotivo, o que se assemelha também ao jornalismo literário. “As reportagens com características do Novo Jornalismo moldam as manifestações dos personagens a um estilo subjetivo, dando-lhe determinados sentidos e valores” (CAJAZEIRA, 2009, p. 76).

Com a utilização da construção narrativa é possível observar que, além da narração na série, o roteiro se atenta a explorar o jornalismo literário. Em todas as

informações repassadas na série o roteirista seguiu uma construção e buscou levar informações, trazendo o audiovisual a seu favor.

Percebe-se um rumo nas matérias, uma ligação entre as informações, com detalhes e comparações. No jornalismo, para seguir uma construção narrativa, necessariamente o autor deve seguir o lead ou outro conceito, já no literário, além de também seguir um conceito, seja a estrela de sete pontas ou outro, ao utilizar a narração a parte mais humana e sentimental também é ressaltada.

“O jornalista é um fingidor. Ele finge não sentir a dor de seu próprio fingimento” (PENA, 2006, p. 71). Portanto, através da construção da matéria o repórter consegue transmitir ao seu público o que ele quer expressar de acordo com as imagens que viu. Se vivenciou cenas pesadas, de violência ou morte, ele consegue passar isso ao leitor, ou não, omitindo ou apenas passando o que deseja para construir sua matéria.

Ao fazer uma junção entre o jornalismo literário e a construção narrativa, é possível observar que ambos estão relacionados, já que por meio do literário as histórias são contadas em um contexto mais amplo e sentimental e a narrativa é necessária para prender o leitor no texto e dar direcionamento nas palavras. Martinez e Heidemann (2019, p. 10) concluem que “as narrativas do Jornalismo Literário são as narrativas da vida inserida em um determinado tempo e espaço”. Logo, fazer essas narrativas mostra que o jornalista possui recursos para contar a história, mas que precisa seguir uma narração entre a pesquisa e a escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando resolver o problema da pesquisa que consiste em identificar como o jornalismo literário, por meio da construção narrativa, aborda o sistema prisional brasileiro, foi possível observar que com a forma literária o autor consegue

desenvolver um texto mais amplo e elaborado, mostrando histórias reais e por vezes esquecidas, utilizando da construção narrativa para dar ordem ao texto.

Através do jornalismo literário foi apresentado que o sistema prisional é ressaltado de uma forma mais humana, procurando trazer ao telespectador uma história que é vivida na realidade, porém que algumas pessoas não conhecem ainda. Por meio da estrela de sete pontas, criada pelo autor Felipe Pena (2006), é possível observar que além de todas as pontas da estrela se encaixarem e se complementarem, o jornalista que seguir esse conceito estará realizando uma matéria literária de maneira completa, utilizando dos setes princípios básicos para dar sentido à produção.

Portanto, utilizando, mesmo que sem identificar, as pontas da estrela, a série consegue abordar o jornalismo literário e a construção narrativa. Assim a junção dá sentido e essência ao texto, além de seguir uma linha de pensamento. Portanto, seguir a estrela e a construção narrativa mostra que a série conta histórias que garantem, além da mera prática do jornalismo, o valor dado ao personagem, trazendo lembranças, cor, cheiro e sentido ao entrevistado e principalmente para o leitor.

Observando o primeiro episódio é possível enfim verificar que o jornalismo literário contribui na criação de matérias, principalmente as reportagens mais amplas, de forma que, além de o telespectador se envolver com o assunto e as histórias, mostra que existem pessoas reais e histórias reais dentro do sistema prisional que merecem e precisam ser contadas. Partindo de uma visão sentimental, o jornalismo literário também se mostrou ser uma narrativa humana, que traz sentido e essência às histórias contadas, faz com que o leitor se entregue e pense no que leu ou viu depois.

A produção de reportagens utilizando o jornalismo literário demonstra como o jornalista consegue criar matérias mais trabalhadas, com mais detalhes, com pesquisa e planejamento, levando informações ao seu público e ainda, união e visão.

Caso o Grupo O Globo lance a segunda temporada, ou mais episódios, ou até mesmo outra série sobre o sistema prisional, fica como sugestão para trabalhos futuros a continuação da pesquisa, bem como observar se a série ainda se atentou a buscar o jornalismo literário como essência e a construção narrativa para dar ordem as informações.

REFERÊNCIAS

- CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins. **O texto de TV e o novo jornalismo literário**. São Paulo, v. 11, n. 10, p. 72-76, 2009. Disponível em <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/307>>. Acesso em 02 de junho de 2020.
- CLEMENTE, Tatianny Araújo. **A função do lead no jornalismo impresso atual**. Brasília. 2005. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1339/2/20164756.pdf>
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1986.
- MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas**. São Paulo, v. 40, n. 3, 2017. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2798/2088>> . Acesso em 08 de setembro de 2020.
- MARTINEZ; HEIDEMANN, Monica, Vanessa. **Jornalismo Literário: afeto e vínculo em narrativas**. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 4-14, 2019. Disponível em <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/26055/14814>>. Acesso em 15 de setembro de 2020.
- MEDINA, Cremilda. **Narrativas da Contemporaneidade: Epistemologia do Diálogo Social**. São Paulo, v. 2, n. 4, p. 8, 2014. Disponível em <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/2030/1835>>. Acesso em 09 de setembro de 2020.
- NECCHI, Vitor. **A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”**. Santa Catarina, v. 6, n. 1, 2006. Disponível em



<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p99/10420>>. Acesso em 10 de junho de 2020.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Ariane Carla. **Os discursos no discurso do livro-reportagem**. Maringá, v. 2, n. 3, p. 02, 2006. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/64695/67316>>. Acesso em 10 de junho de 2020.

SANTOS; TAVARES, Maria Raimunda dos, Frederico de Mello Brandão. **Memória como gancho jornalístico**: uma análise da revista *Trip* em edições especiais. 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0764-1.pdf>